

GRAMATICALIZAÇÃO – UMA VISÃO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICA

Ivo da Costa do Rosário (Doutorando em Estudos da Linguagem, UFF)

rosario.ivo@gmail.com

RESUMO

Este artigo estabelece um panorama histórico e conceitual para o paradigma da gramaticalização, por um viés teórico-epistemológico. Diversos outros fenômenos de natureza morfossintática mantêm relações estreitas com o paradigma da gramaticalização e muitas vezes confundem-se com ele, como é o caso da lexicalização. Por esse motivo, podemos afirmar que essa questão reclama a atenção dos pesquisadores. Outras questões igualmente importantes, como o embate entre sincronia e diacronia, natureza gradual ou abrupta da mudança e frequência precisam ser continuamente analisadas com afinco. Todas essas questões permeiam a presente discussão.

Palavras-chave: gramaticalização, funcionalismo, mudança

INTRODUÇÃO

A gramaticalização está no cerne dos estudos funcionalistas. Para que possamos abordá-la adequadamente, é necessário precisá-la em termos conceituais, já que há na literatura especializada uma série de conceitos em competição. Logo em seguida, investigaremos seu campo de ação e suas relações com outros fenômenos de natureza morfossintático-semântica.

Em primeiro lugar, concordarmos com Haspelmath (2002), quanto ao estatuto teórico da gramaticalização. Segundo o autor, não costuma fazer parte dos interesses dos linguistas defensores da gramaticalização estabelecer o estatuto de teoria para esse processo de mudança. Os termos *teoria*, *fenômeno* ou *paradigma* são frequentemente tomados de forma intercambiável, conforme também o faremos em nossa pesquisa. Não queremos dizer que de fato o sejam, mas para nossos propósitos, essa diferenciação não é de maior importância.

Segundo Poggio (2003, p. 59), a gramaticalização tem aparecido intimamente relacionada com outros nomes. Alguns autores associam o termo *gramaticalização* a uma perspectiva histórica, e *gramaticização* a uma perspectiva sincrônica da mudança contínua de categorias e significados. Há, contudo, vários outros termos intercambiáveis ou não, que são os seguintes: *gramatização*, *apagamento semântico*, *condensação*, *enfraquecimento semântico*, *morfologização*, *reanálise*, *redução*, *sintaticização etc.*

Conforme afirmou Rosário (2007), é necessário que tenhamos bastante prudência, já que tais termos nem sempre são sinônimos de gramaticalização. Muitas vezes expressam uma de suas características sintáticas ou semânticas, ou ainda tomam o fenômeno sob outra perspectiva ou estágio.

O primeiro autor conhecido a empregar o termo gramaticalização, numa acepção muito próxima à adotada pelo funcionalismo, foi Antoine Meillet (1912), que a entendia como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra outrora autônoma (processo diacrônico). Contudo, a história desse processo pode estar relacionada a épocas bem mais remotas. Assim, no século X, na China, um escritor chamado Zhou Bo-qi, da dinastia yuan, já falava na mudança de símbolos cheios para símbolos vazios.

No século XVIII, os filósofos franceses Etienne Bonnot de Condillac e Jean Jacques Rousseau afirmavam que os lexemas concretos teriam originado tanto vocábulos abstratos quanto as complexidades gramaticais. Parece ser de Condillac (1746) a percepção de que as flexões verbais, como os sufixos, teriam vindo de palavras independentes mais antigas. Segundo Heine et al. (1991, p. 5), pode ter sido aí que os gramáticos comparativistas extraíram sua inspiração para os estudos do indo-europeu, a partir do século XIX.

Tal foi a importância dos estudos de Condillac que Heine et al. (1991, p. 5) conferem a Horne Tooke, contemporâneo daquele, o título de “pai dos estudos em gramaticalização”. Segundo Tooke, o “segredo” das palavras reside em sua etimologia. Este autor afirmava que advérbios, preposições e conjunções resultariam da abreviação ou “mutilação” de “palavras necessárias”, ou seja, de nomes e de verbos.

Após Tooke, vieram Franz Bopp, Humboldt, Wulnner, Whitney, Michel Bréal, entre outros, que foram refinando progressivamente as intuições dos seus predecessores até chegarmos a Meillet. Como já dissemos, foi Meillet o cunhador do termo *gramaticalização*, primeiramente utilizado em 1912, em seu trabalho denominado *L'évolution des formes grammaticales*. Contudo, é necessário afirmarmos que seu mérito não está somente na criação do termo, mas também no fato de ter justificado a relevância dos estudos de gramaticalização como uma das maiores atividades na ciência da linguagem.

Antoine Meillet insistiu na ideia de *continuum*, bastante utilizada até os nossos dias, para expressar a transição de itens lexicais (*mots principaux*) para auxiliares e outros morfemas com função gramatical (*mots accessoires*), também chamadas de “palavras vazias” (*mots vides*). Também é uma contribuição do autor francês a ideia de

que o aumento de frequência de uso está em correlação inversa à perda do valor expressivo das palavras.

Após Meillet, a literatura linguística registra consideráveis contribuições de Sapir, Benveniste e Kurylowicz. Heine et al. (1991, p. 3) fornece-nos uma das mais clássicas definições para gramaticalização, que é a apresentada justamente por Jerzy Kurylowicz ([1965] 1975): “A gramaticalização consiste no aumento do percurso de um morfema que avança do léxico para a gramática ou de um estado menos gramatical para um estado mais gramatical.”ⁱ.

A perspectiva adotada por Kurylowicz aproxima-se do grupo que estudava os processos de gramaticalização a partir das relações entre o léxico e a gramática. Os processos de mudança estavam restritos a esses dois domínios. Segundo a definição apresentada, há duas trajetórias de mudança, que podem ser assim caracterizadas:

- a) **Gramaticalização *stricto sensu*** – trajetória de elementos linguísticos do léxico para a gramática.
- b) **Gramaticalização *lato sensu*** – trajetória de categorias menos gramaticais para categorias mais gramaticais, como o de categorias invariáveis para categorias variáveis.

Segundo Heine et al. (1991, p. 03), alguns autores têm dado bastante atenção ao problema de como a gramaticalização pode ser diferenciada com relação a um outro processo chamado lexicalização. Muitos desses autores acreditam que, quando palavras pertencentes a classes abertas, como os nomes, mudam para classes fechadas como os advérbios, isto constituiria um exemplo de gramaticalização. Antilla (1972), contudo, argumenta que este é um caso de lexicalização.

Em vários trabalhos, o termo *gramaticalização* refere-se apenas à fase inicial do processo, que é a mudança da estrutura lexical para a gramatical. Samuels (1971), por exemplo, defende que a gramaticalização ocorre quando uma palavra torna-se suficientemente vazia de significado lexical. Sankoff (1988), por sua vez, afirma que a gramaticalização ocorre quando uma palavra que expressa conteúdo ou um morfema pertencente a classes abertas transforma-se em palavras funcionais ou morfemas de classes de palavras fechadas. Alguns autores propõem, ainda, que o conceito de gramaticalização seja tomado como sinônimo ou quase-sinônimo de gramática.

Outros teóricos confinam o uso do termo *gramaticalização* à transição de estruturas pragmáticas para estruturas sintáticas. Hyman (1984), por exemplo, observa que a pragmática provê grande parte de substância para a sintaxe.

Heine et al. (1991, p. 3) afirmam que as definições apresentadas por Antilla, Samuels, Sankoff e Hyman restringem demasiadamente o conceito de gramaticalização, de forma desnecessária, já que seria necessária uma gama de diferentes conceitos para abarcar vários processos referentes a um mesmo fenômeno.

Verificamos que o traço comum às mais diversas concepções do termo reside no fato de todos os autores considerarem a *gramaticalização* como um processo essencialmente diacrônico. De fato, até 1970, a gramaticalização foi vista como parte da linguística diacrônica, como um meio de análise da evolução linguística, de reconstrução da história de uma dada língua ou de um grupo de línguas.

Vejamos a definição de gramaticalização apresentada por Traugott e König *apud* Heine et al. (1991, p. 4):

A gramaticalização refere-se principalmente a um processo histórico unidirecional e dinâmico por meio do qual itens lexicais, com o passar do tempo, adquirem um

novo *status* como formas gramaticais ou morfossintáticas, e no processo começam a codificar relações que ou não foram codificadas antes ou foram codificadas diferentementeⁱⁱ.

A definição anteriormente apresentada acrescenta novos elementos à de Kurylowicz. De acordo com Traugott e König, a gramaticalização é um processo histórico de mudança unidirecional. Aqui reside um dos pontos fulcrais das pesquisas linguísticas na área do funcionalismo nas últimas décadas.

A unidirecionalidade prevê que as mudanças linguísticas no escopo da gramaticalização ocorrem num *continuum*, do “menos gramatical” para o “mais gramatical” e não vice-versa. Os contra-exemplos (KAHR, 1976; JEFFERS; ZWICKY, 1980; CAMPBELL, 1991) são incipientes se comparados à enorme gama de exemplos atestadores da unidirecionalidade.

Na visão de alguns autores, esse processo unidirecional de mudança levaria os elementos linguísticos a diferentes produtos. Para Nichols e Timberlake (1991), ocorre um processo de idiomatização ou ossificação; para Lehmann (1982) e para Heine e Reh (1984), origina-se uma degeneração morfológica. Contudo, parece que tais termos não expressam bem o que ocorre ao longo do processo de gramaticalização, visto que as mudanças são naturais e não de ordem degenerativa.

Heine et al. (1991, p. 4) afirmam que os detratores do princípio da unidirecionalidade da mudança costumam apresentar casos de desgramaticalização e regramaticalização para contestá-lo:

“O primeiro (desgramaticalização) está presente quando a direção da gramaticalização é invertida, ou seja, quando uma unidade mais gramatical desenvolve uma unidade menos gramatical; o último (regramaticalização) aplica-se aos casos em que formas sem qualquer função adquirem uma função gramatical”.ⁱⁱⁱ

Heine et al. (1991, p. 4 e 11) também abordam a gramaticalização como um processo sincrônico, mas critica o fato de não haver maiores especificações dessa perspectiva de trabalho por parte dos autores, tais como Lehmann e Claudi. Vejamos:

Um dos méritos principais dos estudos de gramaticalização após 1970 foi a atenção dada ao potencial que eles oferecem como um parâmetro explicativo para entender a gramática sincrônica. O descontentamento com modelos existentes de descrição gramatical funcionou como o incentivo principal para transformar a gramaticalização como um meio de sobrepujar as abordagens estáticas de análise gramatical, em particular o estruturalismo e a gramática gerativa-transformacional^{iv}.

Hopper e Traugott (1997, p. 2) também estabelecem uma distinção entre gramaticalização sincrônica e gramaticalização diacrônica. A perspectiva diacrônica (ou histórica) investiga as fontes das formas gramaticais e os típicos caminhos de mudança que os afetam. A partir dessa perspectiva, a gramaticalização é conhecida como um conjunto de mudanças linguísticas através das quais um item lexical, em certos usos, torna-se mais gramatical. A perspectiva sincrônica, por sua vez, vê a gramaticalização como primariamente um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de modelos fluidos de uso linguístico.

Enfim, após percorrermos diferentes visões concernentes à gramaticalização, podemos apresentar uma definição clássica, baseada em Heine (2003, p. 577) e que está potencialmente nas origens do termo, conforme propôs Kurylowicz ([1965] 1975): **Gramaticalização** é definida como o processo de desenvolvimento de estruturas gramaticais a partir de estruturas lexicais e de estruturas mais gramaticais a partir de estruturas menos gramaticais.

Contudo, em bases mais modernas, de acordo com orientação de Traugott (2008), que intersecciona princípios funcionalistas com princípios da gramática construcional, a gramaticalização pode ser assim definida:

“A mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical. Ao longo do tempo, a construção gramatical resultante pode continuar a receber novas funções gramaticais”^v

A teoria da gramaticalização, portanto, é uma teoria no sentido de que oferece uma explicação plausível que dá conta de como e por que as categorias gramaticais surgem e se desenvolvem ao longo do tempo. Sua principal motivação é a necessidade de comunicação ser efetivamente efetuada. Para alcançar esse objetivo, uma estratégia humana altamente utilizada e comprovada cientificamente consiste na utilização de formas linguísticas concretas para a expressão de formas linguísticas mais abstratas, menos facilmente acessíveis e de cujos significados são menos claramente delineados.

Um aspecto bastante relevante em relação à gramaticalização diz respeito à natureza da mudança. Este, certamente, é um dos aspectos mais controvertidos desse fenômeno. De acordo com muitos autores, as mudanças observadas ao longo dos processos de gramaticalização não costumam ocorrer de forma abrupta. Ao contrário, a mudança de um estágio para outro pode levar séculos e isso não significa a exclusão da forma mais antiga. Pelo menos por algum tempo, tanto a forma mais antiga quanto a mais inovadora permanecem na língua em competição. Vejamos:

Básico para o trabalho em gramaticalização é o conceito de '*cline*' [...] Do ponto de vista da mudança, as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas passam por uma série de transições graduais, transições que tendem a ser semelhantes em outros idiomas.^{vi} (HOPPER; TRAUGOTT, 1997, p. 6)

Como a mudança costuma ser gradual e lenta, não podemos falar em categorias discretas. De fato, a gramaticalização não é operada por meio de realidades estanques, mas podemos afirmar, baseados na teoria dos protótipos, que uma dada categoria vai afastando-se do seu núcleo conceptual e vai gradativamente aproximando-se de outro.

Entre as várias vantagens da teoria dos protótipos devemos sublinhar a possibilidade de inclusão de dados não-prototípicos, antes deixados à margem por abordagens de cunho aristotélico. Os casos ambíguos e de difícil classificação não ficam marginalizados nessa abordagem. Ao contrário, também os membros periféricos podem ser associados às diversas categorias. A teoria dos protótipos, assim, reconhece um gradiente entre os membros de uma dada categoria.

A noção de protótipo encontrou amplo espaço para desenvolver-se no âmbito dos estudos de gramaticalização, conforme propõem Hopper e Traugott (1997, p. 25), visto que este processo caracteriza-se justamente pela fluidez no *continuum* categorial: “Temos visto que a gramaticalização apresenta um desafio para abordagens de língua que assumem categorias discretas embutidas em sistemas fixos, estáveis.^{vii}”

Decerto, parece ser mais conveniente estabelecermos a pertença de um elemento a uma categoria a partir de um grau de similitude com o protótipo, entendido como o exemplar que melhor se reconhece, o mais representativo e distintivo de um grupo, posto que é o que compartilha mais características com o resto dos membros da categoria e menos com os membros de outras categorias.

Nosso ponto de vista aponta para uma concepção de categorias gramaticais como entidades difusas, e não como compartimentos estanques claramente definidos e delimitados. Afinal, as categorias que podem ser definidas por condições necessárias e

suficientes não são mais do que um grupo, muito reduzido, das categorias existentes. (cf. CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 35).

A teoria dos protópicos, portanto, permite uma análise mais confortável dos dados, visto que os exemplos marginais ou de difícil classificação podem ser agasalhados pela investigação linguística, sem necessidade de afirmações *ad hoc* ou grandes elucubrações. Em vez disso, partimos do princípio de que as categorias são *fuzzy*, ou seja, não-discretas e, portanto, com limites fluidos.

A gramaticalização, portanto, ocorre num *continuum* sem limites precisos e definidos. Esse gradiente de mudança tem recebido diversos nomes segundo a ótica dos pesquisadores. Vejamos:

- a) *Cline* – Hopper e Traugott (1993);
- b) *Path*– Bybee et al. (1994);
- c) *Pathway* - Bisang (1996);
- d) *Grammaticalization chain* – Heine (1992; 1993)

Segundo Heine e Reh (1984) *apud* Heine et al. (1991, p. 15-16), quanto mais uma unidade linguística sofre os processos de gramaticalização,

- a) mais perde complexidade semântica, significação funcional e/ou valor expressivo;
- b) mais perde significação pragmática e mais ganha significação sintática;
- c) mais reduzido é o número de membros pertencentes ao mesmo paradigma morfossintático;

- d) mais há decréscimo na variabilidade sintática, ou seja, mais a posição na oração torna-se fixa;
- e) mais seu uso se torna obrigatório em certos contextos e não-gramatical em outros;
- f) mais aglutina-se semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades;
- g) mais há perda de substância fonética.

Heine e Reh (1984) *apud* Heine et al. (1991, p. 15) concluíram que a gramaticalização é um *continuum* evolutivo. Qualquer tentativa de segmentação em unidades discretas poderia ser uma atitude arbitrária em algum sentido. Essa premissa, de certa forma, está hoje subjacente às mais variadas propostas de descrição dos fenômenos de mudança por meio da gramaticalização.

Bybee e Pagliuca (1985, p. 63) *apud* Heine et alli (1991, p. 17) observaram novas características inerentes ao processo de gramaticalização. A primeira dessas características diz respeito ao processo de *generalização*, ou *enfraquecimento do conteúdo semântico*, que deve ser entendido de duas formas: por um lado, um morfema mais utilizado acaba tendo uma maior distribuição, já que é usado em um maior número de contextos; por outro lado, ele tende a ser mais geral porque perde determinadas características específicas de significado.

Além de notarem que os morfemas que sofrem o processo de gramaticalização são caracterizados por um uso muito frequente e geral, Bybee e Pagliuca também perceberam que o uso favorece o aumento de ocorrências, uma vez que eles sofrem esse

processo. Assim, frequência e gramaticalização, segundo a visão de tais autoras, estão intimamente ligadas.

Por outro lado, devemos frisar que não são apenas as questões referentes à frequência que determinam o processo de gramaticalização. Os fatores, segundo Heine et al. (1991, p. 23), são de várias ordens e requerem, ainda, um estudo mais pormenorizado. Vejamos:

A gramaticalização pode ser influenciada por vários fatores, como nossa configuração física, nosso aparato neurofisiológico, nosso ambiente sociocultural, o contexto no qual nós agimos, o contato linguístico, a interferência entre a forma escrita e a forma falada de uma determinada língua, os desenvolvimentos tipológicos globais, etc.^{viii}

A esses fatores supracitados, devemos acrescentar a cognição, cujos estudos modernamente a inserem nas pesquisas sobre gramaticalização com mais intensidade. Assim, podemos dizer com Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 59), que o motor da gramaticalização baseia-se em fatores de ordem cognitiva, sociocultural e comunicativa, afirmação *de per se* genérica, mas imune a problemas.

Poggio (2003, p. 23) introduz outra questão de alta complexidade e que se revela como geradora de grande polêmica. A autora afirma que, nos estudos de gramaticalização, é fundamental rompermos com a dicotomia saussuriana sincronia *versus* diacronia. Se o objetivo é traçar uma trajetória desde as origens da forma gramatical, passando pelas suas mudanças até o seu estágio atual como um fenômeno discursivo-pragmático, deve-se adotar uma abordagem pancrônica. Nesse tipo de abordagem, combinam-se “a informação sincrônica e diacrônica para se ter uma ideia mais densa, dispondo de compreensão mais consistente dos fenômenos pesquisados”^{ix}.

Como vemos, a autora busca um modelo de gramaticalização de maior amplitude, uma vez que busca descrever todo o processo de mudança desde sua gênese até o momento atual. Com relação ao aspecto histórico, Poggio (2003, p. 24) acrescenta uma valiosa informação, relacionada à cognição humana:

Os caminhos que os elementos gramaticais das línguas percorrem no tempo refletem as crenças e os processos de raciocínio da ‘mente coletiva’ dos grupos linguísticos que as usam, como também os padrões de discurso pertinentes às interações linguísticas entre membros de um grupo. Segundo S. Svorou (1993), quaisquer semelhanças observadas na comparação dos percursos de mudança de morfemas linguísticos espaciais interlinguais refletiriam não apenas a natureza de uma língua humana, nem somente a natureza de uma cultura, mas a natureza da cognição humana, como se manifesta acima e além de línguas e culturas específicas.

A visão pancrônica adotada por Poggio também foi acolhida por Pereira et al. (2004), para quem “a gramaticalização pode ser encarada como um processo pancrônico que apresenta uma perspectiva diacrônica, porque envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica porque implica variação”.

Hopper e Traugott (1997, p. 2) também abordaram as relações entre sincronia e diacronia. Adotando perspectiva similar à de Poggio (2003) e de Pereira et al. (2004), os autores optam pela combinação de ambas as visões, o que gera o conceito de *pancronia*. Vejamos:

A gramaticalização tem sido estudada de duas perspectivas. Uma dessas é a histórica, investigando as fontes das formas gramaticais e os caminhos típicos de mudança que os afetam. Dessa perspectiva, a gramaticalização é pensada normalmente como um subconjunto de mudanças linguísticas pelas quais um item lexical em certos usos se torna um item gramatical, ou pelo qual um item gramatical se torna mais gramatical. A outra perspectiva é mais sincrônica, vendo a

gramaticalização principalmente como um fenômeno sintático ou discurso-pragmático, a ser estudado do ponto de vista de padrões fluidos de uso do idioma. Neste livro nós combinaremos estes dois pontos de vista.^x.

Como temos visto até aqui, a literatura “clássica” sobre gramaticalização aborda uma perspectiva essencialmente centrada no léxico, visto que até mesmo as definições de gramaticalização tratam da mudança de termos do léxico para a gramática.

Modernamente, contudo, há um movimento cada vez mais forte de se estudar a gramaticalização pelo prisma das construções sintáticas, ou seja, há um deslocamento teórico e empírico que volta o olhar para segmentos mais amplos de análise. Assim, é sob essa perspectiva que modernos trabalhos, na área do funcionalismo linguístico, se constroem.

Segundo Gonçalves et al. (2007, p. 27), resumidamente, e numa escala evolutiva dos estudos de gramaticalização, há:

- (i) a versão de Meillet, que concebe a gramaticalização como a passagem do [lexical] > [gramatical]
- (ii) a oferecida por Kurilowicz, que adiciona ao *cline* de Meillet a passagem do [- grammatical] > [+ grammatical].
- (iii) as versões dos estudos atuais: [qualquer material linguístico] > [+ grammatical].

Vale lembrar, contudo, que essa perspectiva não é totalmente nova. O próprio Meillet (1912) já falava em questões concernentes à ordem das palavras. Além dele, Givón (1979) preferia o termo *sintatização* a gramaticalização, por focar justamente aspectos mais ligados a unidades linguísticas em nível superior ao do léxico.

De qualquer forma, modernamente é mais acertado considerarmos a gramaticalização um fenômeno sintático, discursivo-pragmático, que deve ser estudado do ponto de vista de modelos fluidos de língua (cf. TRAUGOTT; HEINE, 1991, p. 1). É sob essa perspectiva que diversos trabalhos de base empírica vêm sendo construídos nos últimos anos.

ABSTRACT

This article establishes a historical and conceptual panorama for the paradigm of the grammaticalization by an theoretical-epistemological perspective. Other several phenomena of morphosyntactic nature maintain narrow relationships with the paradigm of the grammaticalization and a lot of times get confused with it, as it is the case of the lexicalization. For that reason, we can affirm that that subject claims the researchers' attention. Other subjects equally important, as the debate between synchrony and diachrony, gradual or abrupt nature of the linguistic change and frequency need to be analyzed continually eagerly. All those subjects permeate to present discussion.

Key words: grammaticalization, functionalism, linguistic change

REFERÊNCIAS

- ANTILLA, Raimo. *An introduction to historical and comparative linguistics*. New Cork: Macmillan, 1972.
- CAMPBELL, Lyle. *Some gramaticalización changes in Estonian and their implications*. [S.l.], 1991.

CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel Lingüística S.A., 1999.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: _____. *Syntax and semantics*. vol. 12. New York: Academic Press, 1979.

HASPELMATH, Martins. *On directionality in language change with particular reference to grammaticalization*. [S.l.], 2002.

HEINE, Bernd et al.. *Grammaticalization: A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, Bernd; REH, Mechthild. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984

HYMAN, Larry M. *Form and substance in language universals*. Los Angeles, 1984.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elisabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

JEFFERS, Robert J.; ZWICKY, Arnold M. *The evolution of clitics*. [S.l.], 1980.

KAHR, Joan Casper. *The renewal of case morphology: sources and constraints*. Standford, 1976.

KURYLOWICZ, Jerzy. *The evolution of grammatical categories*. Munich, 1975 [1965].

LEHMANN, Christian. *Towards a typology of clause linkage*. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1982.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Edouard Champion, 1948 [1912].

NICHOLS, Johanna; TIMBERLAKE, Alan. *Grammaticalization as retextualization*. [S.l.], 1991.

PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves et al. (Org.). *Linguística e Literatura: ensaios*. Salvador: Quarteto, 2004.

POGGIO, Rosaura Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2003.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Gramaticalização de até: usos na linguagem padrão dos séculos XIX e XX, 2007b*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SAMUELS, M. L. *Linguistic evolution with special reference to English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

SANKOFF, Gillian. *The grammaticalization of tense and aspect in Tok Pisin and Sranan*. University of Oregon, 198.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *‘All he endeavoured to prove was...’: constructional emergence from the perspective of grammaticalization*. 2008. (Texto digitado)

ⁱ “Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status”

ⁱⁱ “Grammaticalization refers primarily to the dynamic, unidirectional historical process whereby lexical items in the course of time acquire a new status as grammatical, morphosyntactic forms, and in the process come to code relations that either were not coded before or were coded differently”.

ⁱⁱⁱ “The former (degrammaticalization) is present when the direction of grammaticalization is reversed, that is, when a more grammatical unit develops into a less grammatical one, while the latter (regrammaticalization) applies when forms without any function acquire a grammatical function”.

^{iv} “One of the main merits of grammaticalization studies after 1970 was that attention was drawn to the potential they offer as an explanatory parameter for understanding synchronic grammar. Dissatisfaction with existing models of grammatical description provided a major incentive for turning to

grammaticalization as a means of surmounting 'static' approaches for analyzing grammar, in particular structuralism and generative transformational grammar."

^v "The change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical construction may continue to be assigned new grammatical functions".

^{vi} "Basic to work on grammaticalization is the concept of a 'cline' (...) From the point of view of change, forms do not shift abruptly from one category to another, but go through a series of gradual transitions, transitions that tend to be similar in type across languages".

^{vii} "We have seen that grammaticalization presents a challenge to approaches to language which assume discrete categories embedded in fixed, stable systems".

^{viii} "Grammaticalization may be influenced by various factors, such as our physical configuration, our neurophysiological apparatus, our sociocultural environment, the context in which we act, language contact, interference between the written and the spoken form of a given language, overall typological developments, etc."

^{ix} Poggio (2003, p. 62) acrescenta que a gramaticalização, vista em uma perspectiva panocrônica, pode "ser descrita como um processo sem referência ao tempo".

^x "Grammaticalization has been studied from two perspectives. One of these is historical, investigating the sources of grammatical forms and the typical pathways of change that affect them. From this perspective, grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic changes through which a lexical item in certain uses become a grammatical item, or through which a grammatical item becomes more grammatical. The other perspective is more synchronic, seeing grammaticalization as primarily a syntactic, discourse pragmatic phenomenon, to be studied from the point of view of fluid patterns of language use. In this book we will combine these two points of view."